

**MANUEL BARBOSA DA
COSTA FREITAS**

(1928-2010)

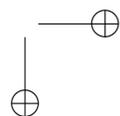
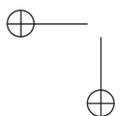
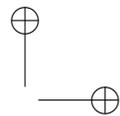
In Memoriam

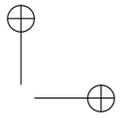
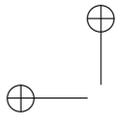


José Maria Silva Rosa

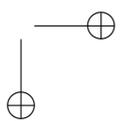
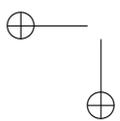
2 de Janeiro de 2010

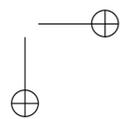
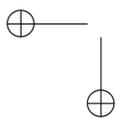
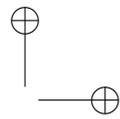
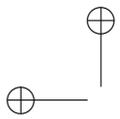
www.lusosofia.net





Março, 2009







LUSOSofia:press

Covilhã, 2010

FICHA TÉCNICA

Título: Manuel Barbosa da Costa Freitas.

In Memoriam

Autor: José Maria Silva Rosa

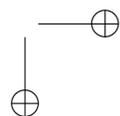
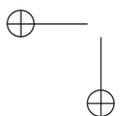
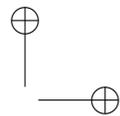
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

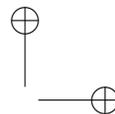
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. Silva Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2010





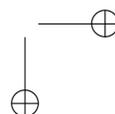
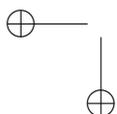
Manuel Barbosa da Costa Freitas

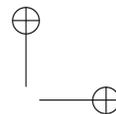
(1928-2010)

In Memoriam

José Maria Silva Rosa

Post scriptum — O texto que se segue sobre o Professor Costa Freitas foi escrito originalmente em 1999 como breve introdução não tanto à sua vida, mas ao seu pensamento, e destinava-se então a ser um simples verbete de Enciclopédia, que não veio a lume, pelo que acrescentamos agora alguns dados de natureza biográfica. E o voto que então formulámos, ao terminá-lo, cumpriu-se em parte, pois entre 2002 e 2004, por iniciativa do então CLCPB - Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira (actual CEFi – Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa - Lisboa), grande parte dos textos do Professor Manuel Barbosa da Costa Freitas foram coligidos e editados: *O Ser e os Seres. Itinerários Filosóficos*, 2 Vols., Editorial Verbo, Lisboa, 2004. Mas existem ainda outros textos (como por exemplo, a sua Tese de Doutoramento, em Latim; manuscritos inéditos, cartas, etc.), quer anteriores quer posteriores a 2004, que, naturalmente, não puderam entrar nessa recolha. Seja como for, ficou então um primeiro instrumento de trabalho para quem quiser aprofundar o pensamento de Manuel Barbosa da Costa Freitas. Este nosso texto simples de há uma década,





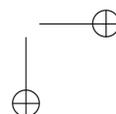
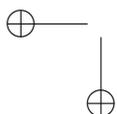
que carece hoje de ser aprofundado e desenvolvido, é apenas um humilde contributo para esse estudo e, ao mesmo tempo, precisamente neste seu *vere Dies Natalis* (2 de Janeiro de 2010) o nosso Elogio e nossa Homenagem ao Amigo, ao Mestre e a um Homem íntegro e bom.

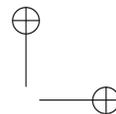
* * *

Manuel Barbosa da Costa Freitas (filho de António Miranda da Costa Freitas e Leonor Maciel Barbosa, nasceu em Barrocelas [que então se chamava Capareiros], Viana do Castelo, no dia 26 de Fevereiro de 1928 – morreu no Convento da Luz, em Lisboa, no dia 2 de Janeiro de 2010) — A visão franciscana da vida, nos seus rasgos de pobreza e amor à verdade, bem assim de uma generosa atenção à existência encarnada, é, porventura, o traço de continuidade mais profundo entre o pensamento e a acção de M.B.C.F. Entrando ainda jovem na Ordem Franciscana (OFM), essa visão aprofundou-se em liberdade e razões, marcando decisivamente o seu modo de relação com a realidade.

Com efeito, depois da instrução primária, em Barrocelas, entre 1935 e 1939, entrou, em Outubro de 1939, Colégio Franciscano de Montariol, em Braga, onde frequentou os cinco primeiros anos de estudos secundários. Em 1944-45, fez o seu Noviciado no Convento de Varatojo, em Torres Vedras. Daí regressou a Montariol, onde cursou Filosofia durante o biénio de 1945-47. Em Setembro de 1947, seguiu para o Seminário da Luz, Lisboa, e, terminado o Curso de Teologia, foi ordenado Sacerdote a 22 de Julho de 1951. Em Setembro deste mesmo ano, partiu para Roma para frequentar o Curso Superior de Filosofia no *Pontificio Ateneu Antoniano*. Concluiu aí o Curso de Filosofia, Ciclo de Doutoramento, em Julho de 1954, com defesa pública da dissertação sobre Leonardo Coimbra: *Momentum activitatis subjecti*

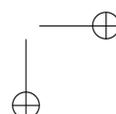
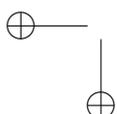
www.lusosofia.net





in cognitione iuxta Leonardi Coimbra doctrinam. Com a publicação de uma parte da dissertação, em Outubro de 1957, obteve o grau de *Doutor* em Filosofia pelo mesmo *Pontifício Ateneu Antoniano*. Posteriormente, estagiou nos Centros de Investigação e de Edições Críticas de História de Filosofia Medieval de Münster (1963), de Quarachi-Florença (1964) e do Instituto Grabmann de Munique (1974-75), onde se dedicou ao estudo das correntes do pensamento filosófico dos séculos XIII e XIV sob a orientação dos Professores Pacificus Borgmann, Philotheus Boehner, C. Nölkensmeier, I. Brady e W. Dettlof. De 1954 a 1968 leccionou no Instituto Superior de Estudos Eclesiásticos da Ordem Franciscana, em Leiria; em 1968-69 leccionou no ISET – Instituto Superior de Estudos Teológicos, em Lisboa. Em 1969, entrou para a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa como docente de Filosofia. Em 1977, após concurso documental, foi promovido à categoria de *Professor Extraordinário*. Em Novembro de 1984, depois de aprovado no concurso documental, foi promovido à categoria de *Professor Ordinário* (catedrático) de Filosofia da mesma Universidade, onde leccionou ininterruptamente até à sua Jubilação, em 2003 (foi também durante alguns anos Professor Convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, esporadicamente, da Universidade Nova de Lisboa). Foi nos bancos da Universidade Católica, em Lisboa, que conhecemos o Professor Costa Freitas, primeiro como seu aluno em Filosofia Medieval, e depois como seu Assistente, durante dez anos, de 1992 até 2002. Conviver e trabalhar diariamente com o Pe. Freitas foi sempre uma festa, em especial uma *festa da inteligência* e do seu incomparável ‘esprit de finesse’. Pudemos acompanhá-lo nos últimos dias da sua vida, e até ao último suspiro permaneceu intacta a sua devoção à *Philosophia* como *itinerarium mentis in Deum*.

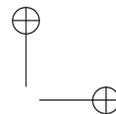
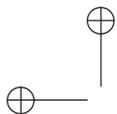
* * *



Os temas de reflexão filosófica de M.B.C.F., ao longo de mais de meio século, são variados, mas podem encontrar-se alguns núcleos estruturantes e aglutinadores da sua actividade intelectual, ainda que sempre interligados entre si e em estreita relação com a sua diversificada actividade docente: o pensamento português, o pensamento medieval, o espiritualismo francês e a fenomenologia e filosofia da religião.

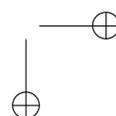
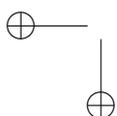
Mas antes de apresentar esses pontos de gravidade, comecemos pelo seu princípio hermenêutico fundamental, decantado dos seus mais de quarenta anos de docência, não só, mas sobretudo, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, princípio que, por todos os meios, procurou praticar e transmitir aos seus alunos: antes de criticar ou aderir a qualquer autor ou doutrina ou texto, importa compreender por dentro o pensamento em causa. A liberdade de interpretação é um ponto de chegada, não o ponto de partida. A crítica apressada ou a adesão precipitada são o pior escolha da actividade intelectual que, na sua denúncia, não raro descamba para a pesporrência atrevida daquele que ignora que não sabe. Contra esta “calamidade”, assistimos muitas vezes, como alunos, ao puro exercício socrático da mais fina ironia que, deliberada ou espontânea, produzia por vezes um verdadeiro despertar da dormência, e que, se incompreendida por alguns, em outros exercia indisfarçável atracção. Sem recusar a magistralidade, cultivava o diálogo e a pergunta inteligente como as mais excelentes formas de relação pedagógica. Espírito dialéctico na análise e sintético na conclusão, reconduzia com rigor lógico a série de argumentos até à sua expressão mais simples. A simplicidade, com efeito, qual colheita da tarde, desconcerta quem procura razões obscuras, enoveladas, *profundíssimas*. Por isso M.B.C.F. *sobrava* sempre por cima da profunda erudição que então manifestava.

Quanto ao primeiro núcleo da sua reflexão, o pensamento português, de entre o estudo de várias figuras (Santo António,



Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro, José Marinho, Miguel Torga) ressalta a reflexão sobre a vida e a obra de Leonardo Coimbra, sendo a primeira pessoa em Portugal a estudar sistematicamente o pensador da Lixa e figura central do pensamento filosófico português do séc. XX. A sua tese de doutoramento, defendida no Pontifício Ateneu Antoniano de Roma, em 1954, versou justamente sobre *A importância da actividade do sujeito no conhecimento, segundo a doutrina de Leonardo Coimbra*. Trabalho pioneiro, abriu caminho a outros estudos que se lhe seguiram, até hoje, quer seus quer de outros. Na obra de Leonardo Coimbra, os temas que mais atraíram a sua atenção e o seu interesse foram, para além do conhecimento (de si, da natureza e de Deus), a ontologia criacionista, a crítica ao positivismo e ao kantismo, o franciscanismo, a saudade, a graça, e onde figuras como o *Cego do Maio* foram o manancial de reiteradas meditações filosóficas.

O segundo núcleo, como se disse, foi o pensamento medieval, em todo o seu conjunto — mas a ordem não é simplesmente cronológica, pois se Leonardo Coimbra o atraía desde jovem, o mesmo é verdade relativamente a Santo Agostinho: M.B.C.F. pensava como quem bebia água de uma fonte — *sed fons vincit sitientem / mas a fonte vence o sequioso* (Agostinho, *Sermo* 159, 9) — e, por isso, menos interessado no sistema que no acontecimento, os temas sobre que se debruçou cruzam-se e recruzam-se ao ritmo da vida e da interrogação, qual sístole e diástole do seu *inquietum cor*. No pensamento medieval interessaram-no e ocuparam-no particularmente o pensamento de Santo Agostinho, de Boécio, de Santo Anselmo, de Santo António, de São Boaventura, de Duns Escoto. Manifestava neste domínio todo o rigor e subtileza da sua reflexão ao comentar, por exemplo, o *De Consolatione philosophiae* e as definições de Boécio, o *De Veritate*, de Santo Anselmo, uma *quaestio* de São Tomás, os textos de Duns Escoto respeitantes à noção de pessoa (*intellectualis naturae incommunicabilis existentia*) ou à possibilidade do conhecimento



de Deus pela razão, ou ainda as *Confissões* de Santo Agostinho. Com efeito, a antropologia cristã do *homo imago Dei*, a articulação entre a fé e a razão, a possibilidade do conhecimento e da experiência de Deus, a psicologia do desejo de felicidade e da conversão, as questões ontológicas, como o Ser e os seres, o estatuto ôntico das criaturas (“*A criação surge como gesto do amor transcendente de Deus, como o Infinito a encher o Nada com a esmola do ser*”, afirma com Leonardo Coimbra e tão próximo dos autores medievais!), a natureza como livro escrito para gáudio da inteligência, foram outros tantos temas transversais ao pensamento medieval, que constituíram também a *prima materia* da sua reflexão.

O terceiro pólo que atraiu o seu pensamento e reflexão, de maneira genérica e à falta de melhor termo, foi o chamado *espiritualismo francês*. À cabeça deste movimento vem um dos seus pensadores de eleição, Maurice Blondel e a temática da Acção. Mas imediatamente conexos com a Acção outras questões de antropologia filosófica se impuseram: a vontade, a liberdade, a ética, os valores, a existência encarnada, o sofrimento, a dimensão religiosa, a morte e o seu sentido. De Henri Bergson, outro dos autores que muito frequentou (e sempre atento às últimas novidades bibliográficas) uma das ideias mais caras que acarinha é a noção de ser como dinamismo e perfectibilidade. Percorre estes temas muito perto também de autores como Charles Peguy, Gabriel Marcel, Maurice Pradines, Louis Lavelle, Vladimir Jankélévitch, Gabriel Madinier, Jean Guitton, Claude Bruaire, Joseph de Finance, André Leonard, entre muitos outros. Se o homem pode de facto ser chamado criador, isso acontece sobremaneira no domínio ético e moral. Neste sentido, se todas as dimensões da Acção humana são uma manifestação *in fieri* de autotranscendência relacional, uma fenomenologia da consciência na sua intencionalidade última parece clamar por Outra transcendência. E é precisamente através dos temas relacionados

com a Acção, a sua interpretação e o seu sentido, à luz de uma antropologia de raízes bíblicas, que se encontra igualmente com autores como Martin Buber, Emmanuel Levinas, Paul Ricoeur — demonstrando com textos que, para este último autor, nomeadamente, não há distinção ‘real’, mas apenas instrumental, entre *ética* e *moral* — e, mais recentemente, contacta pessoalmente com filósofos como Michel Henry que, vindos da fenomenologia husserliana, ultrapassaram progressivamente os seus limites e, cruzando as noções de *manifestação*, *revelação* e *doação*, invertem a fenomenologia clássica, encontrando-se assim com os temas maiores da tradição filosófica antiga e medieval, mormente as filosofias inspiradas no *Prólogo* de João: “*No princípio era o Verbo*” e o “*Verbo era a luz verdadeira que, vindo a este mundo, ilumina todo o homem*”.

Um quarto núcleo aglutinador do seu pensamento e da sua docência, desenvolvido sobretudo nos últimos anos, ligou-se à fenomenologia e filosofia da religião. É verdade que a fenomenologia do sentimento religioso, de modo particular o fenómeno da *conversão* (São Paulo, Santo Agostinho, São Francisco, Pascal, Leonardo Coimbra, Paul Claudel, ...) sempre o interessou. Mas a fenomenologia da religião trouxe-o até temas e autores mais próximos de nós, como Rudolf Otto, Georges Dumézil, Mircea Eliade, Julien Ries (que conheceu pessoalmente), entre outros. O tempo, esse escultor de exigências filosóficas, e o seu múnus pastoral como sacerdote (“a pastoral da inteligência”), levaram-no igualmente a tomar a sério as críticas e as razões da Modernidade contra a religião: de Kant, em *A Religião nos limites da simples razão*; do jovem Hegel, em *O espírito do cristianismo e o seu destino* e *A positividade da religião cristã*; de Feuerbach, em *A essência do cristianismo*; de Marx, nos *Manuscritos económico-filosóficos* e em *A sagrada família*; e, acima de todos eles, as críticas de F. Nietzsche, v.g., em *A genealogia da moral*. Durante anos a fio, da sua boca ouvimos estes e outros tex-

tos explicados linha a linha, palavra a palavra, aos seus alunos, esclarecendo com argúcia as passagens mais obscuras e jamais recusando o desafio de levar ao extremo as razões internas destes autores, expondo-as e criticando-as a partir de dentro. E não raro, para espanto de uns e gáudio de outros, depois de ter exposto magistralmente como F. Nietzsche, até certo ponto, era um aliado da experiência cristã genuína contra os “alapados e vendilhões”, terminava as suas aulas de Filosofia de Religião, entre o sério e o provocador: “*São Nietzsche, ora pro nobis!*” E a nós, seus alunos, muito dava e ainda dá que pensar esta ‘oração’.

É desejável que, para além dos artigos que publicou, o trabalho de vulto no âmbito da Fenomenologia da Espiritualidade, que há muito tempo almeja, possa tomar letra de forma. E, ao mesmo tempo, seria benéfico para a filosofia em Portugal que a sua obra, sobretudo os textos dispersos por várias Revistas e Dicionários de Filosofia, de Teologia e de Cultura (*Itinerarium, Didaskalia, Biblos, Revista Portuguesa de Filosofia, Philosophica, Enciclopédia Logos, Enciclopédia Polis, Enciclopédia Verbo – VELBC*, entre outras), pudesse ser reunida e editada, para que, *mutatis mutandis*, com o patrono das Universidades cristãs, Alcuíno de York, depois de passar pela corte de Carlos Magno, em Aix-la-Chapelle, e de se ter retirado para o silêncio de Tours, nas profundezas do Loire, também ele possa exclamar, a partir do jardim do Convento da Luz, onde tanto gostava de passear e de ouvir os melros e os gaios, e outrossim, a partir do verde Minho, em Barrocelas, onde agora repousa:

“Na manhã dos meus dias, semeava na Bretanha; agora no presente, na tarde da minha vida, continuo a semear em França, e peço de todo o meu coração que, pela graça de Deus, o grão possa crescer nos dois países. Quanto a mim, consolo-me pensando, com S. Jerónimo, que, se bem que tudo o resto passe, a Sabedoria permanece, e o seu vigor não cessa de aumentar.”

Nota Bibliográfica (incompleta): “Da pessoa em Escoto”, 1946; “Deus no Homem e o Homem em Deus”, 1946; “Psicologia da fé”, 1947; *A importância da actividade do sujeito no conhecimento, segundo a doutrina de Leonardo Coimbra*, 1954; “O pensamento criacionista de Leonardo Coimbra”, 1957; “A causalidade do conhecimento em Duns Escoto”, 1958; “Aspectos do saudosismo em Leonardo Coimbra”, 1958; “A salvação dos pagãos e a responsabilidade dos cristãos”, 1960; “As provas da existência de Deus segundo o método criacionista de Leonardo Coimbra”, 1960; “Leonardo Coimbra: Incidências positivas na sua filosofia”, 1960; “A pessoa e o seu fundamento ontológico em Escoto”, 1960; “Escoto perante as recentes Investigações histórico-críticas”, 1962; “A experiência dos valores”, 1963; “A existência de Deus segundo Escoto”, 1966; “*De argumentatione Duns Scoti pro infinitate Dei*”, 1968; “Fé e ateísmo no mundo contemporâneo”, 1971; “S. Boaventura e a coexistência da fé e do saber”, 1974; “A doutrina bonaventuriana do homem-imagem e a coexistência da fé e do saber”, 1974; “O ideal bonaventuriano da sabedoria cristã e a filosofia”, 1974; “S. Boaventura e o simbolismo metafísico-religioso do mundo sensível”, 1976; “O conhecimento filosófico de Deus segundo J. Duns Escoto”, 1982; “O fenómeno da emancipação e libertação, no séc. XX”, 1980; “O tema da *regio dissimilitudinis* nos Sermões de S. António”, 1982; “O tema da saudade no pensamento criacionista de Leonardo Coimbra”, 1983; “Verdade, rectidão e justiça, em Santo Anselmo”, 1986; “Fundamentação filosófica do Direito e do Estado, em S. Agostinho”, 1986; “A oração num mundo secularizado”, 1986; “O criacionismo de Leonardo Coimbra: Trajectória de uma ideia”, 1989; “À imagem e semelhança de Deus. Um tema de antropologia agostiniana”, 1989; “G. Marcel: A dimensão metafísica da Esperança”, 1989; “A realidade de Deus”, 1991; “S. João da Cruz e o simbolismo religioso da *noite escura*”, 1991; “Nota preliminar a *Dispersos IV*, compilação de

textos de Leonardo Coimbra”, 1991; “A filosofia de *L’Action* como intelectualismo ou realismo integral”, 1993; “O fenómeno da emancipação e libertação no séc. XX”, 1993; “O ateísmo hermenêutico de Feuerbach”, 1993; “Natureza e fundamento ontológico da pessoa em Duns Escoto”, 1994; “Elementos para uma cristologia kantiana”, 1994; “*Creatio, conversio, formatio*: Um esquema de antropologia agostiniana”, 1995; “S. Francisco de Assis e a experiência de Deus”, 1995; “O cristocentrismo nos *Sermões* de Santo António”, 1996; “Guerra Junqueiro no pensamento de Leonardo Coimbra”, 1997; “Leonardo Coimbra: Um comentário ao *S. Paulo* de Teixeira de Pascoaes”, 1997; “Natureza e dimensões da acção humana”, 1998; “Trabalho e condição itinerante do homem”, 1998; “Razão e Fé no pensamento de Santo Agostinho”, 1999; “Para uma fundamentação ontológica da Ética”, 1999; “O silêncio de Deus: Desafios à Teodiceia”, 1999; “O Ser e os seres nas *Confissões* de Santo Agostinho”, 2000; “Religião e Religiões”, 2000; “Introdução” às *Confissões* de Santo Agostinho, 2000; “Apresentação” [a Michel Henry, *Encarnação, Uma Filosofia da Carne*], 2001; “Da alienação religiosa em Feuerbach – Leitura de *Pensamentos sobre a morte e imortalidade*”, 2001; “O humanismo cristão no discurso criacionista de Leonardo Coimbra”, 2001.